



MENSÁRIO ANGOLANO DE CULTURA

Número 12 - 2ª série | Ano 2 - Setembro/Dezembro 2

2014 | Director: Jacques Arlindo dos Santos | Kz. 200,00 | € 1,60

Coimbra, anos 60

República estudantil «Kimbo dos Sobas» foi um ninho de nacionalistas angolanos

Leonor Figueiredo

O «Kimbo dos Sobas» nasceu em 1962, fruto de circunstâncias que juntaram, na cidade universitária de Coimbra, os estudantes angolanos Fernando Jaime Martinho, Aníbal Espírito Santo, José Machado Lopes, Manuel Rui Monteiro, António Joaquim Faria, António Segadães Tavares e José Luís Cardoso.

Ter nascido em Angola era uma das condições para admissão naquele 1º andar da Rua Nicolau Chantene, da cidade do Choupal. No início, os estudantes não assumiram a sua república, casa que reunia estudantes de fora de Coimbra e de fora do país, para dividirem despesas. Só mais tarde o fizeram. «Não queríamos que fosse república porque achávamos que não tínhamos nada a ver com a política portuguesa. No kimbo éramos só nacionalistas angolanos, mas a porta estava aberta a “asilados políticos”». Não nos misturávamos muito com os portugueses. Éramos contra as praxes, não alinhávamos com essas práticas. Estávamos ali para fazermos o curso e regressarmos à nossa terra», conta António Sedagães, engenheiro, um dos fundadores do Kimbo, onde adquiriu consciência política. «Na altura não tinha despertado para o problema dos povos africanos e para o que era o colonialismo. Aprendemo-lo nesta vivência em Portugal».



Um dos edifícios de Coimbra onde funcionou o Kimbo dos Sobas.

A fama de promoverem festas animadas levou a grande procura do apartamento por parte da juventude. Era um ambiente concorrido. «Tínhamos gira-discos, discos, boa música para dançar. Pelo contrário, outras repúblicas faziam festas de bebedeira. Circulou por Coimbra que aquilo era um antro de orgias, mas não era verdade», adverte António Segadães. O apartamento tinha uma grande sala de jantar com uma cabeça de palanca, onde comiam o que a cozinheira confeccionava. «Um de nós era gerente da casa, em sistema rotativo. Quando o dinheiro acabava, comíamos favada, favas com entrecosto, o mais barato, na altura. Às vezes, havia comida angolana».

Em 1963, um ano após a criação do Kimbo dos Sobas (na época escrevia-se «Quimbo dos Sobas»), a



Caricatura - anos 60.

procura de quarto na casa era maior do que a oferta. Por isso, os «sobas» (residentes) decidiram alugar outro andar para poderem entrar mais cinco: Mário e Henrique Fonseca Santos, José e Carlos Marvão, e Álvaro Fernandes, conhecido por «capitão Fernandes». O início da Guerra de Libertação de Angola estava fresco na memória da política colonial de Salazar. Assim como «a fuga dos 100» nacionalistas angolanos, muitos dos quais viviam e estudavam em Portugal. Os «sobas» de Coimbra estavam bem cientes desta realidade. «Todos nós desejávamos a Independência de Angola. Tive a mágoa de ver, aos 9 anos, escrito no Bilhete de Identidade “branco de 29”, sem os mesmos direitos que qualquer um que fosse de Portugal. O meu pai também era pela autonomia de Angola. Em 1961, por altura dos exames do 7º ano do Liceu, o Ernesto Lara “Filho” convidou-nos, a mim e ao Manuel Rui, para uns “passaios” pelas ruas do Huambo (então Nova Lisboa), com conversas em que punha a tónica nas questões colonialistas e na emancipação das populações de Angola, com a independência como objectivo. Começou tudo aí. Nesse ano venho para Lisboa para frequentar engenharia no Técnico. É então que me torno sócio da Casa dos Estudantes e, portanto, quando fui para Coimbra para continuar o curso, já ia integrado», salienta o engenheiro.

Certo dia de Março de 1963 tiveram a visita da PIDE. Vários agentes da polícia política portuguesa cercaram as traseiras do prédio para evitar que fu-

gissem, antes de lhes bater à porta. Houve prisões. «Nesta primeira leva da PIDE foram presos o Fernando Jaime Martinho, o Aníbal Espírito Santo e o Manuel Rui Monteiro. Dias depois voltaram, levaram-me a mim e ao António Joaquim Faria. Apanharam-nos com a boca na botija. Nós estávamos metidos



Em Coimbra, 1964, Manuel Rui Monteiro e António Segadães.

numa rede do MPLA de fuga para Argel. Prenderam um jovem que se precipitou, não esperou e foi apanhado. Denunciou-nos a todos. Depois disso, começaram imediatamente a mandar-nos para a tropa», explica José Cardoso, outro fundador do Kimbo, que cumpriu mês e meio na cadeia do Aljube, onde atingiu a maioridade. «Fizemos uma festa!».

A PIDE sabia que muitas acções anticolonialistas passavam pelas inúmeras repúblicas de Coimbra, cidade repleta de jovens universitários, pelos quais passam as contestações oposicionistas. O Kimbo dos Sobas não era excepção. «Na verdade, funcionou como um dos difusores da política anticolonial. O jornal Avante, do PCP, a Mensagem, os boletins,

as edições de poesia africana da Casa dos Estudantes do Império, tudo isso era distribuído, lido e relido por nós. Recebíamos, com enorme risco, um jornal anticolonial que ficava escondido no meio da fuba», recorda José Cardoso.

Se queriam promover uma conferência, careciam de autorização da PIDE. Por vezes era negada, como aconteceu com uma palestra que Henrique Abranches se preparava para proferir num auditório em Coimbra e que, apesar de proibida

pela PIDE, acabou por ter lugar no Kimbo. Sabiam que estavam sempre debaixo de olho. O que não impedia que por detrás das cortinas se desenrolassem grandes aventuras. Alguns dos “catequistas políticos” dos sobas da casa, que pertenciam à república dos “1000-y-onários”, foram Óscar Monteiro (futuro ministro da Informação de Moçambique) e Gilberto Teixeira, “Gika”, já integrados na luta clandestina.

«Em Setembro de 1963, Jorge Alves Pires, o “Pirica” e o futuro Comandante Gika estiveram connosco no kimbo, à noite, a preparar o salto nessa



Coimbra, 1963, almoço no Bar das Medicinas.

Da esquerda para a direita, em pé: José Cardoso, Henrique Fonseca Santos, Casimiro Domingues, Américo Freitas, José Marvão, Ireneu Cruz, Fernando Jaime Martinho, Octávio Aquino Costa; na frente: António Segadães Tavares, Gentil Marques, Mário Fonseca Santos, Carlos Marvão, Seabra e Frederico Silvestre.

madrugada. Nessa noite herdei livros do Gika», acrescenta António Segadães, saudoso daquele borbulhar intelectual que formatou muitos jovens. «Havia muitas conversas políticas com estudantes de outras repúblicas. Ficávamos a conversar até às 2 e 3 da manhã com os doOs “1000-y-onários”, como



o Orlando “Papo e Repapo”. Falávamos de cultura, de cinema, antropologia, até de medicina e, sempre e principalmente, da Independência que se aproximava. E éramos extremamente solidários: o que havia para comer e beber era para todos. Como irmãos. Éramos estrangeiros em Coimbra. Relacionávamo-nos, principalmente, com os da república dos “1000-y-onários”, que albergava angolanos e moçambicanos e com os quais partilhávamos actividades culturais e o ideário da independência para as colónias». Alguns estudantes desconfiavam que em certas repúblicas embebedavam os desconhecidos para saberem se eram de confiança.

Dos três fundadores que falaram com «O Chá», só José Marvão era militante do PCP, e não foi o único do Kimbo a estar ligado a este partido, na clandestinidade.



Em 1964, almoço de estudantes de Angola em Coimbra.

tinidade. «Com aquela hemorragia de gente a sair de Angola para não ser presa, nós também estávamos todos feitos, para sairmos quando fosse possível. Pelo menos era essa a nossa ideia. Quase todos tínhamos preparação política, éramos homens de esquerda e acabámos quase todos por pertencer ao PCP. Eu e outros desligados do MPLA. Militei clandestinamente no PCP. Depois, quando fomos para Angola, estabelecemos contactos com os militares comunistas que iam fazer a tropa. Eu tive de fazer a guerra. Estive para fugir para Cuba, mas o partido tinha a directiva de nos mandar para a tropa fazer trabalho político. Que me era fácil, como médico. Saí da guerra em 1972», recorda José Marvão.



António Segadães e José Cardoso também foram convidados a juntar-se ao partido de Álvaro Cunhal. Declinaram. «Quando me convidaram para o PCP eu disse que já tinha sarna para me coçar», argumentou José Cardoso. Chegaram a oferecer a António Segadães uma bolsa de estudo para a Checoslováquia, mas nem isso o convenceu a militar no Partido Comunista Português.

O kimbo iniciou o seu declínio, de certa maneira, quando alguns começaram a ser chamados para a tropa. E, depois, em 1965, quando a recém-criada Universidade de Luanda abriu os cursos de Medicina e Engenharia. A partir daí só quase os de Direito é que tiravam o curso em Portugal. Em Janeiro deste ano o Kimbo muda para a Rua Antero de Quental, onde permaneceu até ao fim.



Do Kimbo dos Sobas ficou grande camaradagem. «Somos amigos para a vida. Daqueles amigos que passam 40 anos sem se ver, mas quando se encontram, parece que foi no dia anterior», confessa José Marvão, natural do Kuito (Silva Porto), cuja vida foi marcada por aqueles tempos. «Foi muito importante ter estado no Kimbo. Eu casei em Novembro de 1965, mas continuei a ser elemento da casa. Foi uma escola para todos. Eu vinha de uma sociedade colonial, muito limitado nas informações, com pouco convívio real, de maneira que aquilo serviu para me abrir os olhos. Tornámo-nos cada vez mais de esquerda. O kimbo também era o ninho de onde fugiram uma série de indivíduos, uns hoje são generais, outros



importantes no MPLA. Tudo isso ficou na nossa ideologia, na nossa recordação. A nossa intenção era tirarmos os cursos para entrarmos na clandestinidade. Depois veio o 25 de Abril».

Com a Revolução dos Cravos perde-se o espírito inicial do Kimbo. Os que ainda estavam em Portugal voltaram para Angola. O Kimbo encheu-se de outros estudantes de várias nacionalidades. Em 1979 foi descerrada uma placa na parede do edifício, com a presença de entidades oficiais angolanas. Terá desaparecido há mais de dez anos. Fica a sua história e a dos «sobas» que fazem hoje parte da História de Angola.

NOMES DOS «SOBAS»

1962/1963: Fernando Jaime Martinho, cirurgião; Aníbal Espírito Santo, advogado; José Machado Lopes, de História; Manuel Rui Monteiro, jurista e escritor; António Joaquim Faria, dedicou-se ao Cinema; António Segadães Tavares, engenheiro; José Luís Cardoso, o «Zéquinha», Letras e Direito.

1963/1964: Mário Fonseca Santos, urologista; Henrique Fonseca Santos, agrónomo (falecido); José Marvão, otorrino; Carlos Marvão, o «Calucha», Direito (falecido); Álvaro Fernandes, «capitão Fernandes».

1964/1965: Américo Lopes Freitas, o «Proxe», médico; Seabra, o «Bísceras», analista; Ireneu Cruz, gastroenterologista (falecido); António Jorge Figueiredo, o «Féculas», médico; Frederico Artur Silvestre, cardiologista; Octávio Aquino Costa, o «Calulo», Direito (falecido); António Trabulo, neurocirurgião.

1965/1966: Saraiva de Carvalho, diplomata, nº 2 da Fundação Agostinho Neto e antigo ministro em Angola, oficial superior das FAA; Nene Pizarro, o «Neno», jurista; Roberto Monteiro (N’Gongo), o «Nini», general das FAA e ex-ministro do Interior.

1966/1967: António Garcia Neto, Direito (falecido) e Eurico Gonçalves, o «China», Direito, (ambos assassinados no 27 de Maio de 1977).

Além dos sobas da casa, havia alguns «asilados políticos», como o Bragança e o Celestino Costa, o «Dibulo», primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe nos anos 80. Os «visitantes» eram outra categoria do Kimbo, onde constavam nomes como o de Gentil Marques, o «Gambá»; Casimiro Rodrigues, o «Chico»; Humberto Traça, o «Tubo», hoje General das FAA, e José Manuel Pereira Bastos.

